
QUAIS SÃO AS POSSIBILIDADES DE CONTRIBUIÇÃO DE UM GRUPO COLABORATIVO PARA AS PRÁTICAS DE PROFESSORES NOVATOS?

Marcelina Ferreira VICENTE¹

Mônica VASCONCELLOS²

Resumo

Este trabalho tem por finalidade apresentar dados de uma pesquisa, cujo objetivo foi investigar contribuições de um grupo colaborativo para a formação e a prática de uma professora iniciante que cursa Pedagogia. A pesquisa foi desenvolvida com enfoque qualitativo, tendo como sujeito uma aluna do 8º semestre do referido curso vinculado a uma universidade pública federal. A aluna selecionada, também, trabalhava como professora nos anos iniciais do ensino fundamental e durante o período em que cursou Pedagogia (quatro anos) foi membro atuante de nosso grupo de pesquisa. Os dados foram coletados por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado, composto por 3 blocos de questões. Os resultados encontrados foram analisados com base no referencial teórico que aborda a temática envolvida e indicam contribuições para a construção da identidade profissional da aluna/professora mediante a troca, a reflexão e a reformulação coletiva de experiências e situações de ensino. Isso gerou a revisão de suas práticas, a aquisição de maior segurança e um olhar crítico sobre o trabalho que realizava. Os dados revelam, ainda, a importância do grupo para a professora investigada e o quanto seu envolvimento nas ações e nos estudos implementados durante todo o processo favoreceu a ressignificação dos seus conhecimentos e das suas práticas.

Palavras-chave: Formação de professores. Grupo colaborativo. Início da carreira.

WHAT ARE THE POSSIBLE CONTRIBUTION OF A COLLABORATIVE GROUP PRACTICE FOR TEACHERS BEGINNERS?

Abstract

This work aims to present data from a study whose objective was to investigate contributions of a collaborative group for the training and practice of beginner teacher that studying Pedagogy. The research was conducted with qualitative approach, having as subject a student of the 8th semester of that course linked to a Public University. The selected student, also worked as a teacher in the early years of elementary school and during the period in which he studied Pedagogy (four years) was active in our research group member. Data were collected through a semi-structured interview script, consists of 3 blocks of questions. The results were analyzed based on the theoretical framework that addresses the issue involved and indicate contributions to the construction of the professional identity of the student/teacher through the

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação da UNESP – Faculdade de Ciências e Tecnologia/Presidente Prudente

² Doutora em Educação e Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense/UFF – Faculdade de Educação/SSE.

exchange, reflection and reformulation of collective experiences and teaching situations. This generated a review of its practices, acquiring greater security and a critical look at the work he performed. The data also show the importance of the group for the investigated teacher and how their involvement in the actions and studies implemented throughout the process favored the redefinition of their knowledge and their practices.

Keywords: Teacher education. Collaborative Group. Early career.

Introdução

A formação de professores tem sido alvo de inúmeras pesquisas em Educação e, dentre os assuntos abordados, os problemas, as falhas e as possibilidades de superação das dificuldades têm merecido destaque por parte dos estudiosos (VASCONCELLOS e GUIMARÃES, 2011; GAMA e FIORENTINI, 2008; GARCIA, 1999). De nossa parte esta temática constitui aspecto central de nossos estudos e, em função disso, temos nos dedicado a investigar esta temática. Em razão desse interesse, nosso grupo de pesquisa passou a desenvolver, a partir de 2009, investigações referentes ao estabelecimento de relações entre a pesquisa e o trabalho docente, em especial, por meio da composição de grupos colaborativos, com o propósito principal de favorecer e analisar contribuições desses grupos para a formação e a prática de professores iniciantes.

A implementação de uma de nossas pesquisas mais recentes (VASCONCELLOS e GUIMARÃES, 2014) suscitou a realização de outras investigações, dentre as quais destacamos os resultados do estudo que aqui apresentamos, cujo objetivo foi investigar contribuições de um grupo colaborativo para a formação e a prática de uma professora iniciante que cursava Pedagogia.

A professora selecionada fazia parte do nosso grupo de pesquisa que era formado por professores em início de carreira e professores experientes da Educação Básica, professores da universidade e alunas da Pedagogia. Os membros se reuniam na universidade, a cada quinze dias e, em média, duas ou três vezes por semana as alunas se deslocavam até as escolas das professoras envolvidas com o intuito de observar, contribuir, aprender e identificar as dificuldades dos alunos da Educação Básica. Assim, em nossas reuniões discutíamos, selecionávamos e estudávamos textos referentes à formação e ao início da carreira dos professores, às contribuições de grupos colaborativos para a realização do seu trabalho e às dificuldades vivenciadas por esses profissionais. Tudo isso, juntamente com os registros das situações vividas nas escolas nos instigavam e favoreciam o planejamento e a preparação, conjunta, das atividades/dos projetos que implementávamos nas escolas. Dessa forma, ressaltamos que foi de extrema importância nos reunirmos periodicamente com esses professores, para discutirmos os problemas que surgiram dentro e fora da sala de aula. Esses momentos nos oportunizaram articular teoria e prática e possibilitaram a construção de saberes que têm contribuído com o enfrentamento dos problemas vivenciados pelos participantes.

Nas reuniões, nos deparamos com questões relacionadas à docência, trocamos informações e experiências e verificamos que a vivência colaborativa pode servir de base para a transformação das concepções e a ampliação do repertório de saberes ligados à profissão do magistério. Isto porque,

[...] é nessa vivência que percebemos a complexidade da prática pedagógica e que entendemos que ensinar não é apenas mostrar aos alunos as respostas certas e os meios de se chegar a elas, mas desenvolver neles a capacidade de questionar, de

investigar e buscar também suas próprias questões e seus próprios caminhos. Além disso, quando essa prática nos angustia, é também no grupo que encontramos o apoio para enfrentar os novos desafios que surgem e não desistir no meio do caminho (CRISTOVÃO, 2009, p. 23).

Acontece que o desenvolvimento das ações que implementamos, no grupo, suscitarão o surgimento de alguns questionamentos: Quais motivos levaram uma professora novata, aluna da Pedagogia, a ingressar e a permanecer em nosso grupo de pesquisa? Em seu ponto de vista, quais foram as contribuições para sua formação e prática, ao longo dos 4 anos de envolvimento?

Com o intuito de responder a essas e a outras indagações realizamos, com enfoque qualitativo, a pesquisa que aqui delineamos (LUDKE e ANDRÉ, 1986). As informações adquiridas estão organizadas nos próximos quatro tópicos que ajudam a compor esse trabalho, sendo que no primeiro deles apresentamos uma discussão sobre a formação docente, com ênfase nas possibilidades de enfrentamento dos problemas existentes, a partir da composição de grupos colaborativos.

Nos tópicos seguintes, esclarecemos a metodologia da pesquisa, bem como descrevemos e analisamos os resultados adquiridos. Por último, delineamos as considerações finais.

Teoria e prática na formação docente: possibilidades de integração mediante a composição de grupos colaborativos

Pesquisas da área da formação de professores têm crescido qualitativamente e quantitativamente nos últimos quinze anos. Em 1999, Pereira já chamava atenção para o fato de que, a partir da década de 1990, houve um aumento do volume de investigações sobre este tema, tanto nas universidades com nas instituições brasileiras de pesquisa. Em decorrência disso, o pesquisador analisa as principais discussões acadêmicas sobre formação de professores no Brasil, no período de 1980 a 1995 e informa que

O tema formação de professores passou a ser destaque das principais conferências e seminários sobre educação no país, sobretudo a partir do final da década de 70 e início dos anos 80, quando estava em discussão em âmbito nacional a reformulação dos cursos de Pedagogia e Licenciatura (PEREIRA, 2000, p. 15-16).

Garcia (1997) acrescenta que este significativo crescimento se deve à necessidade de conhecer cada vez mais e melhor a maneira como se desenvolve o processo de aprender a ensinar. Para ele este é um tema que surgiu com vigor nos últimos anos, obrigando a reformular os estudos sobre formação de professores.

A constituição de grupos colaborativos tem sido apontada como uma alternativa importante para lidar com as relações que se estabelecem no campo da docência. Nesses grupos,

[...] os diversos participantes trabalham em conjunto com relativa igualdade e numa relação de ajuda mútua, procurando atingir objetivos comuns. [...] [Um grupo como este] pressupõe negociação cuidadosa, tomada coletiva de decisões, comunicação, diálogo e aprendizagem por parte de todos os intervenientes (PONTE, 2004, p. 38).

Gama e Fiorentini (2008, p. 38) esclarecem que o grupo colaborativo

Configura-se [...] como uma instância de prática de apoio para a fase inicial, ao proporcionar um ambiente de reflexão e de investigação sistemática sobre a prática, não apenas no âmbito individual, mas principalmente coletivo. Importante destacar que, na interlocução com os outros, os professores iniciantes são influenciados e influenciam nesse processo de constituição das identidades individuais e coletivas do grupo.

Ressaltamos também que o grupo colaborativo é importante para a formação e a prática docente, uma vez que “[...] investigar colaborativamente significa envolvimento entre pesquisadores e professores em projetos comuns que beneficiem a escola e o desenvolvimento profissional docente” (IBIAPINA, 2008, p. 22). Desse modo, percebemos que em um grupo colaborativo os sujeitos envolvidos compartilham experiências, produzem conhecimentos e contribuem com a superação das dificuldades encontradas.

Em se tratando do começo da carreira, Mariano (2006) afirma que a realidade nua e crua é colocada a cada um dos professores. É uma espécie de atuação frente ao espelho e, portanto, permeada pelo medo e pela sensação de abandono da universidade e dos colegas de trabalho, o que pode desencadear o abandono da profissão. Entretanto, há aqueles que persistem nessa caminhada e conquistam o reconhecimento dos alunos e de alguns colegas de profissão (MARIANO, 2006). E é neste sentido, que a participação em grupos colaborativos pode potencializar as aprendizagens ocorridas, bem como servir de apoio para a inserção no campo profissional docente.

Diante do exposto percebemos que estudos relacionados à formação inicial dos professores têm sido de extrema importância nos âmbitos educacional e social e chamam a atenção para a necessidade de proporcionar aos futuros docentes uma formação que lhes garanta condições de enfrentar e superar os desafios com os quais se deparam no início da docência.

Durante o processo de formação inicial é comum que os acadêmicos pensem que estarão preparados para o início da docência, arriscando até mesmo criticar certas atitudes de alguns profissionais, pensando que farão diferente quando estiverem diante de seus próprios alunos. Nas palavras de Mariano (2006, p. 19), “É comum sermos tomados pelo seguinte pensamento: minha atuação será diferente, eu vou conseguir interpretar o meu texto e a minha plateia vai participar do jeitinho que eu planejei”.

No entanto, como sabemos, nem sempre a formação inicial assegura este suporte teórico e prático suficiente para a atuação no início da carreira, considerado um período cheio de obstáculos e desafios que surgem de uma realidade concreta que ainda não dominamos. Como se não bastasse as diferenças encontradas entre o que sonham na fase de preparação e o que, de fato, faz parte da realidade, os iniciantes ainda têm que lidar com outras dificuldades e assim conseguir sobreviver em meio aos desafios encontrados (MARIANO, 2006). Isso gera medo perante os colegas de trabalho e sensação de abandono desencadeada pela sensação da ausência de apoio, assim, muitos acabam desistindo ou até mesmo acreditam que estão no “papel errado”. Assim, quando se deparam com a responsabilidade de encarar uma sala de aula, uma, dentre várias dificuldades se interpõe: o receio da reação dos alunos, da sua aceitação e do modo como vão reagir diante de um professor novato (MARIANO, 2006).

Aqueles que persistem nessa caminhada e conseguem sobreviver fazem várias descobertas: descobrem o prazer de atuar, de se sentirem parte integrante de um grupo profissional, além do reconhecimento do trabalho que desenvolvem.

Vasconcellos e Guimarães (2011) ressaltam que

Para enfrentar/superar [os] problemas [que surgem nesse começo] uma importante alternativa seria colocar a formação prática no centro dos estudos realizados na

graduação, de tal modo, que os acadêmicos dos cursos de licenciatura entrassem em contato com a prática profissional no ambiente no qual os saberes são mobilizados, a fim de analisar, com base em estudos da área, o modo como os docentes agem diante de situações concretas (p. 01).

Esses esclarecimentos nos levam a reiterar a necessidade de priorizar durante a formação inicial, os estudos teóricos articulados à prática docente, como possibilidade de contribuir para o desenvolvimento desses profissionais. Em nossa compreensão, isto pode ocorrer mediante a constituição de grupos colaborativos que estabeleçam uma parceria entre universidade e escola. Dessa forma, os participantes têm a oportunidade de trocar experiências entre si, se constituindo, portanto, em momentos enriquecedores para a construção de conhecimentos, na medida em que, são desencadeadas ideias, questionamentos, anseios e dilemas enfrentados por esses profissionais no decorrer de sua formação ou durante o exercício da docência.

Vasconcellos (2009), em sua tese de doutorado, afirma que “[...] durante o período de formação o professor precisa viver situações variadas, ligadas tanto à pesquisa, à leitura e à discussão de textos [...]” (p. 59). Neste sentido, ressaltamos que a participação em grupos colaborativos pode assumir este papel voltado para o enfoque da reflexão e da discussão da prática docente, apoiadas em teorias solidamente construídas. Isso contribui com a discussão e permite que os envolvidos tentem, juntos, encontrar soluções para os problemas enfrentados por seus participantes. Além disso, a participação em grupos colaborativos parece ser um forte indicativo de amenização dos problemas que futuros professores enfrentarão, na medida em que proporcionam aos participantes discutir e relatar seus anseios por meio do compartilhar de suas experiências, podendo assim, aperfeiçoar sua formação e ampliar o repertório profissional, auxiliando-os na busca de respostas às dificuldades que são/serão enfrentadas.

Boavida e Ponte (2002, p. 01) ampliam e contribuem com essa discussão ao afirmar que “[...] a colaboração constitui uma estratégia fundamental para lidar com problemas [...] demasiado pesados para serem enfrentados em termos puramente individuais”.

Podemos dizer que os grupos colaborativos constituem

[...] uma prática educativa de indagar a realidade educativa em que investigadores e educadores trabalham conjuntamente na implementação de mudanças e na análise de problemas, compartilhando a tomada de decisões e na realização das tarefas de investigação [...] representa possibilidades de compreensão da prática docente [...] entendimentos que levem à compreensão das condições objetivas do trabalho docente e à articulação imediata entre teoria e prática (IBIAPINA, 2008, p. 23, 32 e 33).

Nono e Mizukami (2001) também apontam a importância da troca de experiências entre os docentes em grupos, ressaltando que podem favorecer o desenvolvimento da agilidade no raciocínio crítico, na resolução de problemas e na tomada de decisões. A partir daí, pode-se pensar que o trabalho colaborativo apresenta potencial para enriquecer a maneira de pensar, agir e resolver problemas, criando possibilidades de sucesso à difícil tarefa do exercício da docência.

Diante do exposto, podemos ressaltar algumas vantagens da participação em grupos colaborativos, que por sua vez seria uma estratégia utilizada com o intuito de favorecer a investigação e a problematização sobre a prática docente, uma vez que

Juntando diversas pessoas com experiências, competências e perspectivas diversificadas, reúnem-se mais recursos para concretizar, com êxito, um dado trabalho, havendo, deste modo, um acréscimo de segurança para promover

mudanças e iniciar inovações; [...] diversas pessoas que interagem, dialogam e refletem em conjunto, criam-se sinergias que possibilitam uma capacidade de reflexão acrescida e um aumento das possibilidades de aprendizagem mútua, permitindo, assim, ir muito mais longe e criando melhores condições para enfrentar, com êxito, as incertezas e obstáculos que surgem (BOAVIDA e PONTE, 2002, p. 03).

Portanto, podemos ressaltar que de acordo com a literatura existem contribuições relevantes que podem ser adquiridas por meio da participação em grupos nos quais existe essa perspectiva da colaboração. Assim, em um mesmo grupo podem se juntar pessoas levadas por diversas razões, mas que encontram uma base de entendimento comum: discutir, refletir e aprimorar seus conhecimentos em um determinado assunto. No caso de nosso estudo, temos por foco desenvolver projetos de pesquisa e de ensino que investiguem e contribuam com a docência, em especial, com a superação das dificuldades dos professores novatos.

Ao abordar este assunto devemos destacar que um grupo colaborativo nem sempre se constitui e se mantém com facilidade, mas afirmamos que “[...] quando se estabelece um objetivo e um programa de trabalho claramente assumido”, constitui-se em um mecanismo de apreensão de conhecimentos com grande poder realizador (BOAVIDA e PONTE, 2002, p. 03) e considerável satisfação por parte dos integrantes.

Cristovão (2009), ao discutir as potencialidades do trabalho colaborativo na profissão docente esclarece que não é fácil deixar a “zona de conforto”, ou seja, sair da escola e declarar os problemas a um grupo de pessoas que a primeira vista são desconhecidas, porém, a autora afirma que, é preciso que o professor arrisque voos mais altos e entre na “zona de risco”, por isso,

[...] a vivência colaborativa pode ser a base dessa transformação: é nessa vivência que percebemos a complexidade da prática pedagógica e que entendemos que ensinar não é apenas mostrar aos alunos as respostas certas e os meios de se chegar a ela, mas desenvolver neles a capacidade de questionar, de investigar e buscar também suas próprias questões e seus caminhos. Além disso, quando essa prática nos angustia, é também no grupo que encontramos apoio para enfrentar os novos desafios que surgem e não desistir no meio do caminho... (p. 23).

Gama (2007) enriquece nosso entendimento, quando explica que a essência do trabalho colaborativo é a “[...] prática coletiva centrada no estudo, na investigação e na reflexão sobre a prática [...] nas escolas, **objetivando a construção de conhecimentos voltados ao desenvolvimento profissional e pessoal dos professores [...]**” (p. 146, grifo nosso).

Sendo assim,

[...] a utilização do termo colaboração é adequada nos casos em que os diversos intervenientes trabalham conjuntamente, não numa relação hierárquica, mas numa base de igualdade de modo a haver ajuda mútua e a atingirem objectivos que a todos beneficiem [...] (BOAVIDA e PONTE, 2002, p. 03).

A riqueza do papel da colaboração, no processo de formação inicial e continuada do professor, está no fato dos diferentes olhares sobre um mesmo objeto (o ensino) permitir a reflexão sobre a prática docente, justamente por termos percepções diferentes e que quando postas em xeque no grupo vão dando formas e conteúdos às nossas compreensões individuais sobre as coisas. “O próprio ato de compartilhar torna-se uma tarefa reflexiva, pois preciso

pensar como dizer sobre o que eu faço e depois preciso interpretar o que o outro está entendendo sobre o que eu digo" (CRISTOVÃO, 2009, p. 25).

É compreendendo a necessidade de se intervir em contextos específicos, no processo de formação inicial de professores, que acreditamos ser importante apresentar as contribuições que pressupomos existir neste espaço de reflexão e investigação permanente *de e sobre* a prática pedagógica, que acreditamos serem importantes iniciativas que visem esta troca de experiência e diferentes olhares sobre o objeto da educação: **o processo de ensino e aprendizagem escolar**.

Com este enfoque, desenvolvemos a pesquisa aqui apresentada, cujos encaminhamentos e sujeitos envolvidos estão delineados a seguir.

Procedimentos metodológicos: o caminhar da pesquisa de campo

A pesquisa que aqui delineamos foi desenvolvida com enfoque qualitativo, tendo como sujeito uma acadêmica do 8º semestre do curso de Pedagogia de uma universidade federal, que atua há dois anos como professora dos anos iniciais do ensino fundamental e pertence a nosso grupo de pesquisa desde 2009. Embora ainda não seja graduada, possui formação em nível médio em Magistério (modalidade CEFAM).

O grupo de pesquisa mencionado desenvolve pesquisas colaborativas e é constituído por 4 acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia dessa mesma universidade federal, 6 professoras da Educação Básica que atuam na Rede Municipal, 2 professoras da universidade que acumulam as funções de líderes do grupo de pesquisa e coordenadoras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Os dados foram adquiridos a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado que compusemos em torno de 3 blocos de questões: O primeiro bloco denominado *Identificação*, era composto por sete questões voltadas para a busca de informações pessoais relacionadas à professora Selma, sujeito desse estudo. Abarcou, por exemplo, o ano de conclusão de sua graduação; instituição formadora; escola na qual atuava na ocasião da entrevista; tempo de experiência no magistério, entre outras.

O segundo bloco denominado *Percepções da professora sobre sua vivência e experiências adquiridas no processo de colaboração no grupo* era composto por cinco questões, que objetivou analisar o período de inserção na carreira docente, bem como identificar as principais dificuldades com as quais se deparou e se depara no decorrer de sua prática, além das sensações e experiências adquiridas pela participação no grupo.

O último bloco intitulado *Os significados de ser parte do grupo e contribuições para a formação inicial e o exercício da docência* era constituído por cinco questões que nos oportunizaram compreender as contribuições que o grupo colaborativo proporcionou para a formação e a prática da professora selecionada.

As entrevistas foram registradas por meio de um gravador, os resultados adquiridos foram transcritos, descritos e analisados e nos permitiram identificar as principais dificuldades com as quais a professora se deparou e se depara no decorrer de sua prática. Desse modo foi possível verificar contribuições que percebeu em decorrência de sua participação neste grupo e, assim, contemplar o objetivo proposto, conforme apresentamos a seguir.

Resultados e Discussões: uma análise das contribuições do grupo colaborativo para a prática docente

À entrevistada perguntamos, primeiramente, como foi sua recepção ao chegar à escola e ter o primeiro contato com a prática docente, considerando o fato de ser iniciante e ainda encontrar-se em processo de conclusão da graduação em Pedagogia.

Em resposta a essa questão, a professora mencionou que, ao ingressar na carreira, possuía apenas a formação em nível médio – habilitação para o Magistério (CEFAM). Assumiu uma sala de apoio pedagógico que atendia as crianças com maior dificuldade, cujo número girava em torno de 10 alunos. Por meio dessa afirmação, foi possível evidenciar que, para a professora, o fato de a sala ser pouco numerosa contribuiu para que ela não enfrentasse muitas dificuldades ao se deparar com a realidade escolar, conforme verificamos no relato abaixo:

Então, quando eu iniciei a docência [...] foi em uma sala de apoio, né? E essa sala, ela atendia as crianças com maior dificuldade, só que trabalha com o máximo de 10 alunos, então foi mais fácil pra mim, não me assustei tanto com a realidade do professor! (SELMA).

Porém, ainda em relação ao seu contato com a prática docente, a professora Selma destacou que dois anos depois dessa experiência começou a dar aulas em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, que possuía 33 alunos. Assim, nesse período, se deparou com muitas das dificuldades que o professor iniciante, normalmente, encontra, no qual o sujeito se defronta com a possibilidade de “[...] encarar a realidade nua e crua colocada a cada um de nós professores, uma espécie de atuação frente ao espelho [...]” (MARIANO, 2006, p. 20).

Os esclarecimentos de Selma evidenciam o quanto o ingresso no curso de Pedagogia e as experiências adquiridas no magistério contribuíram, de modo significativo, para *driblar* as dificuldades encontradas em sua prática, fazendo assim uma relação entre a teoria estudada na universidade e o saber prático adquirido no exercício da docência.

Com base nas dificuldades e nas dúvidas apontadas perguntamos se ela se sentia preparada para enfrentá-las e se buscava e encontrava apoio para superá-las. Selma relatou que as dificuldades que encontrou/encontra no exercício do magistério, são amenizadas por meio de leituras específicas dos assuntos, com o auxílio da coordenação da escola na qual atua e ainda pela participação em nosso Grupo de Pesquisa.

Neste sentido, perguntamos, quais foram os motivos que a levaram a participar e a permanecer em nosso grupo. Selma expôs que começou a participar porque sentia muita insegurança em suas ações e comentou:

[...] eu precisava de um apoio e lá eu encontrei, né? Nas reuniões eu encontrei esse apoio, porque a gente fazia muitas leituras sobre o início da docência e tudo isso me ajudou muito e hoje eu comprehendo que aquela insegurança era por falta de uma base teórica que eu não tinha e eu pretendo permanecer por muito tempo no grupo, enquanto eu puder, eu to lá (SELMA).

A partir dessas considerações, percebemos que, para a entrevistada o conhecimento teórico parece ser imprescindível por considerar que isso *ilumina* sua prática.

Com relação a essa questão, Pereira (1999, p. 114) chama a atenção dos formadores que atuam nos cursos de licenciatura, sobre os cuidados referentes às teorias ministradas, ressaltando que deve existir uma maior articulação entre teoria e prática. Destaca, também, que “[...] o descuido com o embasamento teórico na formação de professores, indispensável no preparo desses profissionais, é extremamente prejudicial aos cursos de licenciatura [...]”. Em outras palavras, não se pode, ou não se deve, priorizar um aspecto em detrimento de outro, isto porque, teoria e prática necessitam articulação entre si, de modo contínuo, para que

assim, os futuros docentes, possam se aproximar, compreender e agir em contextos próximos ligados às situações reais que emergem do cotidiano da profissão.

Pesquisas vêm apontando que, de fato, a formação inicial parece estar voltada para elementos mais teóricos do que práticos, distanciando-se, dessa maneira, do contexto essencial para a formação do futuro professor: a sala de aula, isto é, a escola como *lócus* de aprendizagem docente (LEITE, 2011; MIZUKAMI, 2006; PEREIRA, 1999; PIMENTA, 2002, entre outras).

A segunda pergunta deste bloco teve o intuito de analisar, com base nos relatos da professora, as contribuições que o grupo a proporcionou. Ao responder, a professora nos afirmou que a participação no grupo contribuiu muito, uma vez que, por meio das reuniões teve maior contato com os problemas vivenciados durante a prática docente, e, assim teve a oportunidade de compartilhar os problemas, anseios, dúvidas, a fim de que o grupo pudesse auxiliá-la no enfrentamento das dificuldades que emergiam.

Quanto à formação inicial, a professora ainda comentou que sua integração no grupo favoreceu uma maior interação e desenvoltura nas aulas da graduação:

Então, a partir do momento em que eu comecei a fazer parte do [grupo] a minha vida profissional melhorou bastante. Com os estudos que fazemos lá, com os projetos que elaboramos juntamente com as bolsistas que participam, tive a oportunidade de expor minhas dúvidas, dificuldades e adquirir mais conhecimentos e isso tudo tem sido de grande contribuição na minha prática. E quanto a minha formação inicial tenho percebido que, o fato de participar de um grupo, faz com que eu tenha maior facilidade em participar das aulas e em realizar as atividades propostas (SELMA).

De acordo com o relato da professora, várias foram as contribuições e aprendizagens desencadeadas neste espaço de reflexão, oportunizado pelos estudos e ações suscitadas no Grupo de Pesquisa. A este respeito, Fiorentini (2004, p. 54) afirma que, de fato,

São múltiplos os motivos que mobilizam os professores a quererem fazer parte de um grupo: buscar apoio e parceiros para compreender e enfrentar os problemas complexos da prática profissional [...]; buscar o desenvolvimento profissional; desenvolver pesquisa sobre a própria prática, entre outros. Esse desejo de trabalhar e estudar em parceria com outros profissionais resulta de um sentimento de inacabamento e incompletude enquanto profissional e da percepção de que sozinho é difícil dar conta desse empreendimento.

Outro ponto relevante da entrevista com Selma e que nos auxiliou neste processo de compreensão do significado de inserção no grupo e contribuições para as aprendizagens da professora foi o momento em que comentou o quanto as experiências vivenciadas nas reuniões a ajudaram a amenizar os desafios e as dificuldades provenientes de sua prática. Neste sentido, por meio dos seus relatos, ao descrever as contribuições do grupo, observamos que ao propor um trabalho colaborativo, no qual haja a junção de pessoas com experiências gera-se um acréscimo de segurança e confiança que, por sua vez, promovem mudanças e inovações por parte dos docentes. Assim, à medida que oportunizam as trocas de experiências e a reflexão sobre a prática, criam-se possibilidades de *aprendizagens mútuas* contribuindo para o enfrentamento das dificuldades encontradas em sua carreira (BOAVIDA e PONTE, 2002).

Os relatos da professora investigada corroboram com a literatura sobre a formação de professores, no sentido de que ambos indicam que “[...] é preciso (re)pensar os programas em seu aspecto organizacional aprimorando contextos específicos de aproximação com a escola” (LEITE, 2011, p. 27).

Como alternativa, para sanar este *déficit* da formação inicial, a professora Selma evidencia em sua fala as bases obtidas no grupo colaborativo, o que reafirma nossas considerações de que a participação em processos de colaboração podem contribuir para a formação e a prática do professor e/ou do futuro professor.

Considerações finais

A sistematização dos dados nos permite perceber a real necessidade de criar contextos específicos de reflexão sobre a ação docente, bem como de momentos mais práticos que aproximem os professores, em formação, de situações tanto quanto próximas da realidade das escolas; para que, assim, possam ser autores de sua própria prática. Dessa forma, a partir dos dados coletados, conseguimos retratar, as percepções da professora sobre as contribuições das vivências no processo de colaboração no grupo, compreender os sentimentos característicos de estar inserida em um grupo colaborativo e identificar as implicações disso para sua formação inicial e prática profissional.

Foi possível também, verificar o quanto a formação inicial de professores tem muito a alcançar no sentido de articular melhor a teoria estudada com a prática profissional do futuro professor. Portanto, de acordo com essas considerações lembramos que a educação é um processo complexo e, portanto, cabe aos cursos de licenciatura formar profissionais autônomos e reflexivos, a fim de que possamos construir/contribuir com a implementação das práticas dos envolvidos.

Referências

- BOAVIDA, A. M. e PONTE, J. P. Investigação colaborativa: Potencialidades e problemas. In GTI (Org), **Reflectir e investigar sobre a prática profissional**, 2002, p. 43-55. Lisboa: APM.
- CRISTOVÃO, E. M. O papel da colaboração na construção de uma postura investigativa do professor de Matemática. In: CARVALHO, Dione Lucchesi; CONTI, Keli Cristina (orgs.). **Histórias de colaboração e investigação na prática pedagógica em Matemática: ultrapassando os limites da sala de aula**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.
- FIORENTINI, D. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, M.C; ARAUJO, J.L. (Org) **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 47-76.
- GAMA, R. P. **Desenvolvimento profissional com apoio de grupos colaborativos**: o caso de professores de matemática em início de carreira. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2007.
- GAMA, R. P., FIORENTINI, D. **Identidade de professores iniciantes de matemática que participam de grupos colaborativos**. Horizontes, v. 26, n.2, p. 31-43, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.saofrancisco.edu.br/itatiba/mestrado/educação>.
- GARCIA, C. M. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Tradução Isabel Narciso. Porto, PT: Porto, 1999.

_____. **Pesquisa sobre a formação de professores:** o conhecimento sobre aprender a ensinar. In: Reunião anual da ANPED, 20., 1997, Caxambu/ MG. Anais eletrônicos... Caxambu/ MG: 1997. Disponível em:
http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde09/rbde09_06_carlos_marcelo.pdf> Acesso em 25.05.2012.

IBIAPINA, I. L. de M. Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimento. Brasília: Líber livro, 2008. 136 p.

LEITE, Y. U. F. O lugar das práticas pedagógicas na formação inicial de professores. São Paulo: SP. Cultura Acadêmica, 2011

LUDKE, M. ANDRÉ, M. E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U, 1986.

MARIANO, A. L. S. O início da docência e o espetáculo da vida na escola: abrem-se as cortinas...In: LIMA, Emília Freitas (Org.). Sobrevidências no início da docência. Brasília: Líber Livro, 2006. p.17- 26.

MIZUKAMI, M. da G. N. Aprendizagem da docência: professores formadores. Revista E-Curriculum, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. – jul. 2006. Disponível em:
<http://www.pucsp.br/ecurriculum>. Acessado em 29.12.2012.

NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. da G. N. Aprendendo a ensinar: futuras professoras das séries iniciais do ensino fundamental e casos de ensino. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24, Caxambu, 2001. Anais... Caxambu, 2001. p. 1-16. CD-ROM.

PEREIRA. J. E. D. Formação de Professores: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

_____. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente.** Rev. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, p. 109-125, dez. 1999.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil:** gênese e crítica de um conceito. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 12-52.

PONTE, J. P. Pesquisar para compreender e transformar a nossa própria prática. Educar em Revista, 24, 2004, p. 37-66.

VASCONCELLOS, M. Formação docente e entrada na carreira: uma análise dos saberes mobilizados pelos professores que ensinam matemática nos anos iniciais. 2009. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS.

VASCONCELLOS, M.; GUIMARÃES, S. O grupo colaborativo como possibilidade de superação da desarticulação entre teoria e prática: uma proposta voltada para os anos iniciais. 2011. Disponível em: http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/caderno_de_resumos.pdf. Acessado em 04.11.2012.



VASCONCELLOS, M.; GUIMARÃES, S. Contribuições da pesquisa colaborativa para a formação e a prática de futuros professores. In: IV Congresso Internacional sobre Professorado Iniciante, Curitiba, 2014. Anais... CD-ROM